

Estes Martins

Paulo Elpídio de Menezes Neto

A família, da valorosa estirpe de Santa Tereza, tem os seus troncos e raízes no Cariri, nos vales verdejantes que se estendem entre Barbalha e o Crato, nestes sítios hoje chamados de Crajubar, simbolizando os sentimentos de conciliação entre os habitantes das três cidades mais importantes do Sul do Ceará.

Eram seis, quatro varões e duas mulheres, filhos de Antônia Leite e Antônio Martins de Jesus. Dobrada a quadra dos oitenta anos, cercados de muitos filhos, netos e bisnetos, enfrentou o clã destemido, solidário e fortalecido pela fé e a esperança, as primeiras perdas, as separações definitivas vieram desfalcar um quadro familiar de características humanas singulares.

Destacando-se em tudo o que fizeram, como intelectuais, professores, escritores e homens de sociedade; das mulheres, uma abraçou a medicina, profissão tradicionalmente reservada, entre nós, aos homens. Filhos, tiveram muitos, assegurando uma rica descendência; enfrentaram os seus dias de adversidade, com a mesma serenidade e o equilíbrio, virtudes maiores dos espíritos superiores, armados da coragem e determinação da juventude, conservadas na idade provecta.

Nenhum deles projetou-se como, à sombra da importância alheia. Na verdade, todos são ou foram importantes, a presença respeitada, distinguida e carinhosamente conservada na intimidade de um vasto círculo de amigos. José (Martins d'Alvarez), poeta consagrado, o único a deixar o Ceará; Antônio, Reitor, advogado e comercialista, engenheiro e arquiteto de coisas, espírito predestinado para as grandes iniciativas, criador e artesão; Fran, o romancista de talento na juventude, confirmado na idade madura, professor e comercialista reconhecido em todo o País. E Cláudio que agora nos deixou, consumido pela provocação de uma enfermidade.

É deste Martins, um dos quatro varões de Antônio Martins de Jesus, que registro, agora, a memória e as lembranças compartilhadas com tantos amigos e irmãos como ele gostava de chamar; evoco o tabelião respeitado, generoso com os que demandavam a sua ajuda como notário e amigo; poeta elegante, sonetista e verzejador, o tratadista das finanças que, ao lado das coisas do tabelionato, fazia o seu lado grave e circunspecto, felizmente abrandado por certas inclinações boêmias que o tornavam a companhia perfeita naqueles prolongados prélios e tertúlias regados a inteligência e bom humor.

Freqüentamos, um rol variado de amigos, alguns mais antigos, outros novos, um círculo de amenas cumplicidades que se manteve anos a fio, dividindo aos sábados entre a rua Coronel Ferraz, de Milton Dias, e as sombras aprazíveis de Cláudio Martins. Convivia com extrema simpatia com os novos e velhos, sem distinção de geração, com a alma leve e o coração aberto.

Este traço, tão forte em Cláudio, é a marca dos Martins, generosos, amigos e solidários, todos eles.

(Transcrito do Jornal *O Povo*, 28/06/1995)